

COMPILADO
FALANDO SOBRE EDUCAÇÃO – MULTIMÍDIA – FORMAÇÃO DE
EDUCADORES COM ARTE

In. ASSOCIAÇÃO ARTE DESPERTAR. FORMAÇÃO DE
EDUCADORES COM ARTE. SÃO PAULO > ARTE DESPERTAR,
2010







Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(CRB-8/6331, SP, Brasil)

Associação Arte Despertar

Formação de educadores com arte / autoria de Associação
Arte Despertar. – São Paulo: Arte Despertar, 2010.

Inclui bibliografia, discografia, glossário e repertório

ISBN 978-85-63880-01-7

1. Arte-educação e Cultura 2. Música 3. Formação de
Professores 4. Terceiro Setor I. Arte Despertar II. Título

CDD-700



Sumário

GLOSSÁRIO	5
A BASE METODOLÓGICA DA ASSOCIAÇÃO ARTE DESPERTAR	8
O Papel do Educador	12
O PROJETO	16
A PERMANENTE BUSCA DOS CONTEÚDOS E DA DIDÁTICA DAS LINGUAGENS DA ARTE	19
UM OLHAR POSSÍVEL DA PSICOLOGIA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	24
QUATRO COORDENADAS PARA O ANDAMENTO DA EDUCAÇÃO MUSICAL	31
REPERTÓRIO PARA A APRECIÇÃO MUSICAL	37
EQUIPE TÉCNICA.....	41



GLOSSÁRIO

entonação – mesmo que entoação – quando utilizamos a voz de maneira expressiva, utilizamos as articulações e as entonações da voz de forma a valorizar seus efeitos e atingir os objetivos que queremos como um clima de suspense, de maior alegria, de insegurança, por exemplo. Para isso podemos realizar mudanças de entonação (voz mais grave ou aguda), com maior ou menor intensidade, variando a velocidade das palavras ou da narrativa. “1. ato ou efeito de entoar 2. Modulação na voz de quem fala ou recita, inflexão. ” (Ferreira, 1999, p. 768)

gêneros musicais ou estilos musicais – são os tipos de músicas existentes como, por exemplo, baião, funk, samba afro, samba reggae, samba enredo, xote, dentre outras da música popular e da música regional. Temos, também, a música erudita, o cancionário infantil etc., com uma grande variedade de gêneros e estilos em cada uma delas.

improvisação – é a criação espontânea, instantânea, orientada por alguns critérios combinados antes mas com a possibilidade de aparecerem realizações aleatórias. A improvisação pode ser realizada individualmente ou por um grupo. Na improvisação “o músico orienta-se de critérios e referenciais prévios” (Brito, 2003) Como sugestão o Referencial propõem que os jogos de improvisação podem ser realizados com materiais variados, como os instrumentos confeccionados pelas crianças, os materiais disponíveis que produzem sons, os sons do corpo, a voz etc.

fonte sonora – “Chamamos de *fonte sonora* todo e qualquer material produtor ou propagador de sons: produzidos pelo corpo humano, pela voz, por objetos do cotidiano, por instrumentos musicais e todo e qualquer material sonoro.” (Brito, 2003, p.59). É preciso lembrar que a voz é o primeiro instrumento e o corpo humano é fonte de produção sonora. Nas atividades com a música deve ter a preocupação de reunir e ter a disposição toda e qualquer fonte sonora: brinquedos, objetos do cotidiano e instrumentos musicais de boa qualidade.

idíofones - são chamados idíofones os instrumentos nos quais os sons são produzidos pelo próprio corpo do instrumento, ao bater, ser agitado, ou raspado como por exemplo chocalho, clavas, reco-reco, triângulo, carrilhão, xilofone, sino, ou ainda o idíofone de PVC.(Fonte: Internet em acesso março de 2010 site <http://artemusicalnasescolas.blogspot.com/2008/10/como-trabalhar-e-fazer-um-idiofone.html>)

objetos sonoros ou materiais sonoros – são objetos que produzem sons e podem ser de materiais bem simples como garrafinhas com sementes, um papelão ondulado transformando-se em um reco-reco (RCNEI, 1998)

parlenda - (do verbo “parlar” em italiano), ou **trava-língua**, é uma forma literária tradicional, rimada, com caráter infantil, de ritmo fácil e de forma rápida. Usada, em muitas ocasiões, em brincadeiras populares. Normalmente é uma arrumação de palavras sem acompanhamento de melodia, mas às vezes rimada, obedecendo a um ritmo que a própria metrificação lhe empresta. A finalidade é entreter a criança, a distraindo e ensinando-lhe algo. (Wilkpedia, acesso em julho 2010)

partitura - refere a um registro ou anotação da seqüência sonora composta e que possa dar as informações suficientes para orientar a reprodução da composição. (RCNEI, 1998)



qualidades do som - o som tem qualidades (ou parâmetros)¹ e podem ser classificados em ALTURA / DURAÇÃO / INTENSIDADE / TIMBRE / DENSIDADE. Vamos detalhar duas delas:

altura - em relação a altura podemos classificar o som como grave ou agudo, dependendo da frequência de sua vibração por segundo. Quanto menor for o número de vibrações, ou seja, quanto menor for a frequência da onda sonora, mais grave será o som, e vice-versa. Conhecer e identificar os sons de forma lúdica como, por exemplo, o pio de um pássaro é agudo, o miado de um gatinho bem novinho também, o som de um trovão é grave e o latido de um grande e feroz cachorro, também. Ouvir e classificar os sons quanto à altura, valendo-se das vozes dos animais, dos objetos e máquinas, dos instrumentos musicais, comparando, estabelecendo relações e, principalmente, lidando com essas informações em contextos de realizações musicais pode acrescentar, enriquecer e transformar a experiência musical das crianças. Um trabalho com diferentes alturas, por exemplo, só se justifica se realizado num contexto musical que pode ser uma proposta de improvisação que valorize o contraste entre sons graves ou agudos ou de interpretação de canções que enfatizem o movimento sonoro, entre outras possibilidades. (RNCEI, 1998)

timbre - "é a características que diferencia, ou 'personaliza', cada som. Também costumamos dizer que o timbre é a 'cor' ou o 'corpo' do som; depende dos materiais e do modo de produção do som. Exemplos: o piano tem seu próprio timbre, diferente do timbre do violão" (Brito, 2003 pag. 19) Reconhecemos as pessoas pela sua voz por que cada voz tem seu timbre, também.

Um trabalho com diferentes timbres, por exemplo, pode ser realizado como um jogo onde se propõem a identificação do colega pela voz, estando de olhos vendados, ou que se reconheça um instrumento ou objeto sonoro pelo som.

registro musical - segundo BRITO (2003) é um "desenhar o som", ou seja, um modo de anotar os sons por meio gráfico. "Partindo do registro gráfico intuitivo, chega-se a criação de código de notação que serão lidos, para serem decodificados pelo grupo" (Brito, 2003 pag. 179)

ritmo - valores de durações diversas, subjugados ou não uma ordem métrica (Brito, 2003)

sonoplastia - sonoplastia é uma técnica de sonorização de histórias. A sonoplastia tenta aproximar-se dos sons que se pretende ilustrar.

Referencial Bibliográfico [do Glossário]

Ferreira, A. B. H. "Novo Aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa século XXI", Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1999

Brito, Teca Alencar de; "Música na Educação Infantil: Proposta para a formação integral da Criança"; Peirópolis, São Paulo, 2003

Referencial Curricular Nacional Para A Educação Infantil [RCNEI] / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998. volume 3 - Conhecimento do Mundo

¹ Conjunto de características do som, ou de agrupamentos do som, física e objetivamente definíveis (H.-J. Koellreutter, 1990 citado por Brito, 2003)



arte despertar

Wikipedia - acesso em 17 de julho de 2010 fonte:
<http://dicionario.sensagent.com/parlenda/pt-pt/>



A BASE METODOLÓGICA DA ASSOCIAÇÃO ARTE DESPERTAR

Rita de C. Demarchi

"Onde o interior e o exterior se tocam, aí se encontra o centro da alma."

Novalis

A Associação Arte Despertar é uma organização sem fins lucrativos fundada em 1997 com o objetivo de realizar ações arte-educativas, culturais e de responsabilidade social.

Ao longo de sua existência foram desenvolvidos projetos em diferentes contextos: comunidades, empresas e hospitais. As ações desenvolvidas atingem direta e indiretamente públicos bastante diversificados: crianças, adolescentes, jovens e adultos, famílias, voluntários, educadores e alunos, e equipes profissionais.

Dentre os projetos, está o *Projeto Formação de Educadores com Arte*, do qual você faz parte. Após um ano de trabalho envolvente, chegamos à etapa final do processo.

Como figura fundamental, gostaríamos de convidá-lo à leitura deste material, criado a fim de refletir sobre **pontos que revelam a base metodológica que sustentou nosso trabalho de parceria.**

Esperamos que a compreensão desses pontos auxilie na continuidade do seu processo de formação e transformação!

Arte como Conhecimento, Patrimônio e Identidade Cultural

Ao abraçar o campo de ensino e aprendizagem de arte é tomado como ponto de partida o princípio de que a arte é uma rica área de **conhecimento**. O universo artístico em suas diversas linguagens - sonoras, visuais, cênicas, corporais - é um campo profundo de conhecimento, revelador da atuação, reflexão e sensibilidade humana ao longo da história, nas diversas culturas. A arte perpassa e interage com diferentes esferas das sociedades, sejam elas institucionalizadas, eruditas, populares, marginalizadas...



Nota-se que as manifestações artísticas podem ser encontradas tanto nas grandes e pequenas cidades, na zona rural, nos museus, teatros e salas de concerto, como no cotidiano, na TV e internet, nas escolas, nos muros e praças, dentro das casas e dentro de cada um de nós, formando nosso patrimônio cultural.

Músicas dos mais diversos tipos, histórias passadas de geração em geração festas Juninas e do Divino, quadros famosos como os de Tarsila do Amaral e Volpi, uma singela escultura de barro de Mestre Vitalino, monumentos em praça pública, grafite, livretos de cordel, espetáculos de ópera e filmes são exemplos de ***bens patrimoniais que expressam e valorizam a identidade cultural dos indivíduos e grupos sociais*** que os produzem e os apreciam.

Não é difícil notar que a ***cultura brasileira tem a diversidade*** como marca. ***A valorização do patrimônio cultural, da diversidade e das identidades*** é um tema relevante e muito discutido na atualidade. Nesse sentido, ações como o resgate das experiências, das raízes culturais e da memória, bem como o seu estudo e divulgação, abrangem a cultura popular e os grupos menos favorecidos.

É inegável o valor social das manifestações artísticas. Além disso, por serem formas ricas de construção e expressão, convocam a percepção, a memória, a imaginação, o estabelecimento de relações, o manuseio de materiais e a materialização de ideias e projetos. Dessa forma, desenvolve-se a potencialidade de acionar de maneira especial, a sensibilidade e o desenvolvimento cognitivo que fundamentalmente interessam a todos nós, educadores.

Todos podemos ter acesso às manifestações do patrimônio cultural e artístico, que podem ser exploradas por meio de inúmeros pontos que envolvam a experimentação prática, a apreciação e a sua compreensão. No Brasil, importantes autores e publicações abordaram esse nas últimas décadas, no esforço de democratizar o acesso da população à arte como conhecimento, em sua profundidade.

A premissa de “Arte como conhecimento” e a idéia de “arte como diversidade e identidade cultural” estão em consonância com a LBD-Lei de Diretrizes e Bases da Educação, com os PCNs-Parâmetros Curriculares Nacionais-Arte, com a Proposta Curricular do Estado e também com autores-chave das áreas de Educação e Ensino de Arte.



Arte como "Ferramenta"

A arte, em si mesma, é um conteúdo e também é uma "ferramenta", um meio de aproximar e valorizar diferentes indivíduos, grupos e culturas. Ou seja, **um meio que promove a expressão e troca de saberes**, experiências de vida e pontos de vista. O trabalho com arte pode aproximar as pessoas, sejam colegas de equipe, alunos e outras pessoas da comunidade.

Ao **valorizar a sensibilidade, a memória e o lúdico**, torna-se possível lançar um olhar mais cuidadoso para o cotidiano, ressignificar a própria experiência e a do outro, dar espaço para o criativo, surpreendente e diferente, resgatar modos de pensar, agir e se relacionar que se pensavam esquecidos.

Tomemos a música como exemplo: ao se trabalhar com o repertório musical dos alunos e promover a sua valorização e ampliação, é abordado um importante conteúdo educacional e cultural em si. Nesse caso, a música se configura como uma vertente expressiva, criativa, prazerosa e se converte em um canal para a preservação da memória, socialização e integração, compreensão das identidades e dos grupos, entre outros aspectos.

Outra questão interessante é que a arte é uma área que se interliga com outras áreas do conhecimento, podendo render bons projetos interdisciplinares. Esse caráter interdisciplinar permite criar relações entre diferentes linguagens artísticas e também entre essas linguagens e tantas outras áreas, como alfabetização, Matemática, Ciências, História, etc.

A discussão sobre a arte gera infinitas questões e estudos, mas para sintetizar o aspecto da arte enquanto conteúdo e ferramenta, podemos considerá-la um meio pelo qual é possível acessar, de maneira sensível, uma compreensão mais aprofundada do mundo, do outro e de nós mesmos.

Diálogo ENTRE AS Áreas da Pedagogia, Psicologia e Ensino de Arte

Um ponto importante e característico das bases metodológicas da Associação Arte Despertar se refere ao fato de que a equipe integra profissionais com diferentes formações e focos, mas que dialogam entre si.

No *Projeto Formação de Educadores com Arte* houve a participação das arte-educadoras de música e dos profissionais da Pedagogia e da Psicologia, atuando independentemente com conteúdos pertinentes a cada área. Também houve a



atuação em conjunto, com a Psicologia e Pedagogia dando suporte à arte-educação em si.

Se a arte é uma área de conhecimento, cabe aos profissionais de Pedagogia pensar em como os indivíduos de diversas faixas etárias se colocam em relação ao grupo, como interagem, aprendem e sistematizam a sua experiência; e isso vale tanto para a equipe de educadores da Associação, quanto para os públicos envolvidos.

Os profissionais de Psicologia buscam a compreensão e valorização das potencialidades e particularidades dos indivíduos envolvidos, suporte e orientação para a atuação dos educadores, tanto da Associação arte Despertar como dos Núcleos da Santa Casa, nas diversas situações.

No *Projeto Formação de Educadores com Arte*, uma proposta marcante das áreas de Pedagogia e Psicologia buscou o resgate da trajetória dos educadores, com destaque para os momentos:

– *"Minha história como aluno"*: Como eu via os professores? Como eu me via como aluno? Relembrar quando criança, quais os interesses e processos de aprendizagem e relações marcantes com seus professores.

– *"Minha vida como educador"*: Como eu me percebo como educador? Como eu vejo o aluno? Relembrar o percurso profissional, os processos de formação e refletir sobre os interesses profissionais.

As questões acima desvelam faces da identidade de cada um, entrelaçam a vida pessoal e profissional, e possibilitam uma análise sensível e crítica sobre o passado e o presente.

O foco de todo projeto e instituição educacional é o aluno. Contudo, como educadores, necessitamos de momentos de pausa e reflexão para olharmos para nossas próprias experiências e processos, formadores de nosso repertório. Compreender a maneira como somos e atuamos abre portas também, para uma melhor compreensão e atuação junto às equipes e às crianças.

A área de Ensino de Arte é responsável por refletir sobre as especificidades das linguagens artísticas, sobre a qualidade conceitual e prática das propostas, seu



processo e a produção gerada. No caso do trabalho junto ao *Núcleo Educacional da Santa Casa de Diadema*, o foco principal foi a linguagem musical, que em vários momentos, dialogou com as outras linguagens, como as artes plásticas, expressão corporal e contação de histórias.

Os arte-educadores na área de música foram essenciais no projeto como um todo, e no planejamento das atividades junto a vocês, equipe parceira. Em seguida, discutiremos mais sobre o papel e atuação dos educadores.

O Papel do Educador

O educador tem um papel fundamental nos projetos da Associação Arte Despertar. É um profissional com formação artística que se propõe a ampliar seu repertório cultural e artístico e suas maneiras de atuar. É um **investigador** que se propõe a pesquisar e aprofundar os conceitos teóricos e a prática, referentes às metodologias de ensino e às linguagens da arte, suas relações com a cultura, suas particularidades, seus códigos, materiais e formas de construção e expressão.

A dimensão investigativa é alimentada por pesquisas individuais, cursos de formação e pela análise crítica de seu próprio trabalho. Há os momentos de troca junto à equipe, nos quais são discutidos o planejamento das propostas e as problematizações decorrentes, a socialização das experiências e a avaliação do processo.

Não se trata de alguém que tem por objetivo realizar apresentações artísticas, mas trata-se de um **mediador**, de um facilitador que atua na aproximação entre as pessoas atendidas nas instituições e o universo cultural e artístico. Nesse sentido, cabe a ele valorizar o repertório e identidade de cada indivíduo, criando situações que convoquem a sua participação ativa. Aspectos novos são agregados, a fim de promover o enriquecimento e ampliação cultural. Dessa forma, os envolvidos reconhecem suas potencialidades como produtores e fruidores de conhecimento.

Em situações como os cursos e propostas de capacitação, o educador atua também como um **formador**, trabalhando com profissionais de diferentes áreas e funções. No caso de vocês, educadores da educação infantil e complementar, procurou-se fornecer subsídios que possibilitassem a autonomia profissional para continuar os processos de formação ao longo da vida.



Como você, educador, vê essas dimensões do trabalho dos educadores da Associação Arte Despertar?

Sabemos que não há sentido em “copiar” metodologias, mas você pode se inspirar nesses papéis de *investigador, mediador e formador*?

Foco nas Necessidades e Identidade Cultural do Grupo

Uma característica importante do trabalho da Associação Arte Despertar é que a cada projeto, busca-se inicialmente compreender o contexto, as especificidades da instituição, dos profissionais, do público, sua cultura, demandas e necessidades. Para tanto, a observação cuidadosa da realidade antecede as intervenções.

No trabalho junto a vocês, Núcleo Educacional da Santa Casa de Diadema, durante os mês de agosto procurou-se realizar um diagnóstico cuidadoso a fim de compreender as suas demandas e expectativas.

A observação atenta dos espaços, das propostas realizadas e muitas conversas possibilitaram compreender as relações: dos educadores entre si, entre os educadores e as crianças, e entre os educadores e a coordenação. Foi possível mapear necessidades, desejos, pontos altos e dificuldades, que indicaram os objetivos e os caminhos a serem trilhados.

Longe de querer impor um método pronto e idealizado, consideramos fundamental que as propostas nascessem da realidade enfrentada no dia a dia e fossem construídas singularmente, em conjunto. Dessa forma, as propostas seriam mais adequadas, mais sólidas e, conseqüentemente, “autossustentáveis”.

O foco se deu na **formação profissional dos educadores** e um dos pontos relevantes foi a **ampliação cultural em música**. Para tanto, tomou-se como base as coordenadas: **escuta, construção de objetos, movimento, repertório**. Contudo, não se perdeu de vista que as crianças eram a principal razão de ser do projeto como um todo.

O trabalho com música possibilitou que, **ao mesmo tempo em que os educadores resgatassem e valorizassem suas próprias raízes e identidade cultural, também pensassem na importância e em maneiras de possibilitar o mesmo para os alunos, resgatando as origens e tradições da**



comunidade. Verificou-se, ao final do projeto, que sempre foi dada atenção especial para com o repertório musical trazido pelas crianças e adolescentes.

Dessa maneira, partindo da valorização de elementos trazidos pela comunidade, foram elaboradas intervenções que buscaram enriquecer e transformar tanto os indivíduos envolvidos diretamente, profissionais e alunos, quanto indiretamente, a comunidade.

O Processo como Atuação Reflexiva

A equipe da Associação Arte Despertar busca atuar de maneira reflexiva em todas as etapas, desde a observação nas instituições, o planejamento e elaboração das propostas, até a atuação direta junto ao público e às avaliações, que acompanham todo o processo. As reuniões têm esse propósito.

A reflexão sobre a própria prática é uma das mais ricas fontes de

transformação para um educador. Da mesma forma, buscou-se gerar essa atitude reflexiva junto a vocês, a fim de compreender seus próprios processos de aprendizagem e construção de repertório, assim como, estender para a elaboração de propostas junto aos grupos de alunos de diferentes faixas etárias.

Para tanto, além da relação direta, quase particular e imediata entre os profissionais da Associação e da instituição parceira, foram realizados também os **"Encontros gerais", momentos de integração** das duas equipes como um todo e **aprofundamento dos conteúdos** das três áreas: Psicologia, Pedagogia e Arte.

Nos *Encontros gerais* foram lançadas propostas de acolhimento e entrosamento entre os participantes, com a presença de novos contratados do Núcleo. As vivências e provocações tiveram como objetivo instigar os profissionais a refletir sobre suas posturas e atitudes, a fim de gerar mudanças e mais confiança na forma de agir com as crianças.

Outros objetivos importantes foram, com suporte da Pedagogia e Psicologia, sensibilizar e fundamentar o trabalho com música e artes plásticas, discutir pontos essenciais das linguagens sonora, visual e corporal, assim como as propostas junto aos aprendizes. Um exemplo marcante dos conteúdos e vivências abordados nos Encontros gerais se referiu às fases de desenvolvimento do desenho infantil e à



experimentação com argila, material que anteriormente não era explorado nas propostas dos Núcleos.

Ao se trabalhar com a voz, com o corpo, com materiais diversos e com a leitura de obra de arte, foi ativada a dimensão lúdica da arte, que abriu possibilidades de expressão e de reflexão a partir das vivências presentes e anteriores.

Qualquer que seja a estratégia adotada, há sempre a intenção de que ela não se esgote em si mesma, mas que integre organicamente o trabalho como um todo.

Ações que Promovem a Participação e Autonomia

"Formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas(...)"

Paulo Freire

Inspirados por Paulo Freire, sabemos que a construção da **autonomia** no sujeito é uma das bases dos **processos educacionais democráticos e emancipadores**. Nessa perspectiva, torna-se possível ao indivíduo intervir de fato na realidade, transformando-a.

Inseridas nesse contexto, as propostas advindas da parceria entre a Associação Arte Despertar e vocês foram elaboradas com o objetivo de favorecer a participação ativa e a construção da autonomia dos sujeitos envolvidos - profissionais, crianças, famílias, membros da comunidade.

O resgate e valorização da identidade, assim como o enriquecimento cultural e artístico formam um repertório emancipador, e espera-se que os indivíduos façam uso dele ao longo de suas vidas, em processo de **transformação contínua**.

Ao longo do projeto foram criados, em parceria, materiais facilitadores dessas ações junto às crianças, frutos das discussões e da análise reflexiva da prática educativa.

No presente **material de apoio** que chega até você, fazem parte discussões teóricas, investigações, objetivos, ações educativas, músicas, maneiras de se produzir objetos sonoros e trabalhar com instrumentos musicais.



Você pode e deve transformar e adaptar as propostas de acordo com suas necessidades ao longo de sua trajetória!

Dessa forma, espera-se que o trabalho com arte e cultura se sustente na instituição após a saída da equipe da Associação. Espera-se que, ao final deste processo, vocês tenham sido tocados significativamente e se percebam como sujeitos atuantes, capazes de reverberar essas experiências ao longo da vida.

Bibliografia

- ARANTES, A. A. *O que é cultura popular*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BARBOSA, A. M. (org). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. *Didática no Ensino da Arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998.
- SANTOS, J. L. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

O PROJETO

Joyce Menasce Rosset

O Projeto Formação de Educadores com Arte, desenvolvido no Núcleo Educacional da Santa Casa de Diadema focalizou o aprimoramento da formação artística, especialmente a musical, de professores generalistas dedicados à educação infantil e complementar.

Segundo Cecília Cavalieri França (2001), a educação musical proporciona o desenvolvimento de outra modalidade de linguagem, fundamentalmente sensível, dificilmente descritível e conceituável. Ela desenvolve a criatividade e a expressividade através de outra forma de expressão que não a das palavras.

A música nos oferece uma variedade infundável de objetivos simbólicos que podem ser altamente reveladores e transformadores: ela enriquece o espírito, expande nosso universo interior e refina a percepção crítica do ambiente que nos rodeia (FRANÇA, 2001, p. 2).



Na primeira fase do projeto, a equipe técnica da Associação Arte Despertar percorreu todas as salas de aula do Núcleo, observando o trabalho pedagógico desenvolvido pelos seus educadores, para buscar o início dos diálogos e as necessidades levantadas durante a pesquisa.

Identificou-se que o desafio inicial seria despertar nos educadores e coordenadores a vontade em ampliar os conhecimentos mínimos da música: “(...) para ensinar música tem que gostar dela. O professor tem que querer, tem que ter vontade e conhecer o mínimo de música para conseguir fazer um bom trabalho (...)” (BELLOCHIO, Et Al 2003, p. 42).

A forma de atuar da equipe técnica da Associação Arte Despertar dividiu-se entre salas de aula, com os educadores em serviço, buscando desenvolver atividades com os alunos e paulatinamente, abrindo um campo para a participação do educador; e entre períodos de quatro horas nos dias de planejamento da entidade, disponibilizados pela coordenação do Núcleo. Nestes “Encontros Gerais”, a equipe técnica pôde trabalhar com todos os educadores ao mesmo tempo, com dedicação exclusiva às atividades propostas, uma vez que não “concorreu” com as atenções dispensadas aos alunos.

Uma saída cultural levou os educadores ao MAC, onde experimentaram a apreciação de obras de arte contemporânea, entrando em contato com procedimentos de curadoria. Esta visita favoreceu a ampliação do repertório, e como consequência, trouxe novas propostas de atividades de artes visuais para as salas de aula.

Desse modo, as atividades desenvolvidas com os educadores acabaram por sensibilizá-los através de estímulos à percepção e expressão sonoras, desenvolvendo recursos próprios para apreciação das obras de arte, com senso crítico e autonomia, e a compreensão das possibilidades pedagógicas do trabalho com as artes, em especial, com a música.

Nos últimos anos, a Arte Despertar teve como fios condutores de seu trabalho a cultura popular brasileira e o resgate das raízes culturais do seu público. Não diferentemente, o repertório enfocado e sugerido no projeto buscou o resgate cultural dos educadores e o estímulo para a busca das raízes culturais da comunidade, através da pesquisa com seus próprios alunos.

Os resultados do trabalho foram surpreendendo a cada etapa, expressos na qualidade e na criatividade das propostas autônomas de atividades trazidas pelos próprios educadores do Núcleo, diretamente conectadas com os conteúdos desenvolvidos no decorrer do projeto. No último período, a equipe da associação experimentou por parte dos educadores, a realização de pesquisa, investigação, troca de experiências e resgate das origens, de forma que a simples escolha de uma cantiga de data comemorativa foi pesquisada e fundamentada; as propostas de trabalho foram discutidas com os alunos, mesmo com os mais jovens, e grandes temas surgiram e foram aprofundados. As garatujas, expressões do corpo, sons e até o choro, ocuparam posição de destaque, ressaltando os avanços no desenvolvimento infantil e estabelecendo um novo olhar para a educação na instituição.



Este DVD em formato multimídia é uma síntese que propõe a ampliação e aprofundamento das principais atividades desenvolvidas durante o projeto. Contém também, registros dos trabalhos desenvolvidos pela equipe da Associação Arte Despertar no Núcleo Educacional de Santa Casa de Diadema, de agosto de 2009 a julho de 2010.

Referências Bibliográficas

- BELLOCHIO, C. R. et al. Pensar e realizar em Educação Musical: desafios do professor nos anos iniciais do Ensino Fundamental. *Revista da FUNDARTE*, v.5, p. 42-46, 2003.
- FRANÇA, C. C. Quem Precisa de Educação Musical. *Boletim UFMG*. Belo Horizonte, MG, 2001, 2 p.
- WOLFFENBÜTTEL, C. R. Presença das Raízes Culturais na Educação Musical. *Revista da ABEM*, n. 5, p. 31-38, set. 2001.



A PERMANENTE BUSCA DOS CONTEÚDOS E DA DIDÁTICA DAS LINGUAGENS DA ARTE

Angela Rizzi

É inegável a importância da educação musical para crianças e jovens, bem como, sua importância no cotidiano de todas as pessoas, de qualquer faixa etária e qualquer ambiente.

A Arte ajuda a ver e compreender a realidade. A linguagem musical exercita e amplia a aprendizagem das formas de expressão, a partir da sua própria, e traz em si, uma riqueza de sentimentos e percepções. A oficina de musicalização permite às crianças expressarem seus sentimentos e a sua realidade. Segundo a educadora musical mineira, Gisely Brito de Oliveira, “*existe uma diferença entre usar a música como recurso pedagógico e usar da música, da sua riqueza, do seu encantamento para se alcançar um objetivo.*” (OLIVEIRA, 2008).

Eu não estou buscando, eu estou descobrindo.

Picasso.

As crianças, na oficina de musicalização, sentem-se exatamente assim: ao realizar as atividades, descobrem possibilidades! Isso ocorre porque propomos atividades como um convite irrecusável à experimentação dos sentidos.

A questão que podemos nos colocar é em relação ao desafio de selecionar, dentre tantas possibilidades, quais conteúdos priorizar. Quando iniciamos a elaboração do planejamento, temos alguns dados definidos (grupo com o qual trabalhamos, o tempo que temos disponível, o material de que dispomos), alguns desejos orientadores e algumas metas previstas (temas e interesses levantados). Deste modo, qualquer planejamento nasce de uma primeira avaliação:

- - do conhecimento do grupo [quem são] e
- - dos saberes que já possuem [o que sabem e o que desejam]

Elaborar o planejamento é pensar, então, quais conteúdos da linguagem serão abordados e quais desafios serão colocados para um grupo específico, a partir do que já sabem. É prever possibilidades a partir do conhecimento o que planejar, isto é,



conhecimento do conteúdo da linguagem e construir um percurso para torná-las viáveis, realizáveis, elaborando etapas, desdobramentos e sequências didáticas.

Temos a preocupação de uma busca permanente no aprofundamento de uma metodologia/didática para as atividades com as linguagens da arte. Uma inquietação que nos permita, como educadores, um trabalho abrangente e de qualidade, garantindo um espaço de participação e de construção coletiva do conhecimento para:

- Possibilitar o expressar criativo de cada grupo;
- Resgatar e transmitir conteúdos com vistas a ampliar horizontes e repertórios;
- Transformar positivamente o ambiente por meio de ações sócio-culturais;
- Valer-se da arte como instrumento de transformação e promoção humana;

E que, ao mesmo tempo, foque alguns aspectos como a ampliação do repertório de significados no campo das artes, isto é:

- O levantamento das condições que favorecem a aprendizagem e o conhecimento das crianças com as quais atuam;
- A promoção do desenvolvimento pessoal (habilidade de realizar a atividade) e social (habilidade de conviver e pertencer a um grupo).

Dentre estas condições favoráveis da aprendizagem, podemos citar uma das mais importantes: a interação com os outros, com o grupo. É a interação que permite que a aprendizagem seja ampliada, isto é, a criança é capaz de aprender mais e melhor na interação com os outros. Reconhecemos que este processo é ao mesmo tempo individual e social. Assim, é importante permitir que as crianças conversem, inclusive quando trabalham. Para elas, é difícil realizar qualquer tarefa sem conversar e sem se mexer. Auxilia, no conhecimento do grupo, observar o conteúdo dessa conversa. Conversa é socialização e, ao mesmo tempo, aprendizagem. Neste sentido, também deve ser considerada aprendizagem as oportunidades de discussão em grupo, as rodas de conversa. Até mesmo o conflito é uma forma de socialização; portanto, o educador deve ajudar as crianças a resolvê-lo, sem retirar o problema, mas pensando a respeito, em conjunto, de acordo com suas capacidades.

Na promoção do desenvolvimento pessoal (habilidade de realizar a atividade) e social (habilidade de conviver e pertencer a um grupo), o desafio é realizar atividades diversificadas e provocativas. O que pode auxiliar o educador nesta tarefa é ter algumas idéias básicas, como orientações para a idealização e a realização das atividades. A



sequência da listagem a seguir pode propiciar um melhor preparo e uma maior segurança no momento do trabalho:

- Ter bem claro, antes de escolher uma atividade, o que se quer com ela, como e quais habilidades ou capacidades desenvolver; levar em consideração a idade, o número de participantes e local onde vai ser realizada, traz segurança em relação à adequação da proposta e do envolvimento do grupo;
- Saber as orientações para o desenvolvimento da atividade e conhecer os passos a serem seguidos, isto é, saber o que e quando fazer, possibilita prever caminhos e o tempo necessário, enriquecendo o processo;
- Criar um clima de entusiasmo e interesse para a participação de todos é estimular a aprendizagem;
- Terminar a atividade antes de se perder o interesse é garantia de envolvimento em todas as atividades do dia;
- Combinar regras é mais eficiente que dar ordens, o grupo sente-se corresponsável pelo desenvolvimento da atividade.

Dentre as qualidades que são fundamentais e devem ser desenvolvidas pelo profissional interessado nessa área de atuação, Madalena Freire, educadora e formadora de professores, nos adverte e nos aponta que devemos nos educar constantemente em nossas capacidades de:

- *“brincar com as situações de aprendizagem”*
- *“rir de seus erros, ajudando os outros a fazerem o mesmo.”* (FREIRE, 2008, p. 29)

Os conteúdos de música que serão apresentados deverão ter sua ênfase na possibilidade de exploração e descoberta de cada participante (crianças, jovens e educadores), respeitando o potencial de cada um. Isso torna a aprendizagem vivenciada mais duradoura, influenciando também em sua capacidade de aprender e melhorar seu autoconceito. Assim, a aprendizagem torna-se significativa.

Para as instituições de educação infantil, em relação à organização dos conteúdos para o trabalho na área de Música, o Referencial propõe que esta *“deverá, acima de tudo, respeitar o nível de percepção e desenvolvimento (musical e global) das*



crianças em cada fase, bem como as diferenças socioculturais entre os grupos de crianças das muitas regiões do país”. (RCNEI, 1998)

Trabalhar com crianças é trabalhar com responsabilidade e respeito, envolvimento e entusiasmo. Alegria, brincadeiras, descontração e surpresas estarão sempre presentes, fazendo parte desse cotidiano.

“Para rir e brincar, enquanto aprendemos e ensinamos, é necessário querer bem. Acreditar que o outro é (sempre) capaz de aprender, onde o riso e a alegria são instrumentais exercitados no jogo de sua aprendizagem. Rir, brincar, alegrar-se são elementos constitutivos do conhecer e, ao mesmo tempo, constitutivos da busca permanente da felicidade.” (Freire, 2008, p. 24)

Com o exercício da reflexão sobre nossa prática, estaremos instrumentalizados para perceber nossos erros e acertos.

Madalena Freire nos diz que *“somos movidos pelo desejo de crescer, de aprender, e nós educadores, também de ensinar.”* (Freire, 2008, p. 24)

Só aprendemos o que nos interessa, o que nos toca, o que acreditamos significativo. Neste sentido, levantamos quais educadores fizeram parte da nossa formação e que orientam, até hoje, nossa prática pedagógica. Essas pessoas especiais e o processo educativo significativo que desenvolveram, às vezes, fazem-nos virar pelo avesso. Tiram-nos a segurança, trazem questionamentos, esgotam nossas energias... Mas nos marcam profundamente e permanecem como momentos de grata lembrança, de aprendizagens que nos transformaram.

Como qualidades pessoais para o trabalho que o educador necessita desenvolver constantemente, temos a paciência, a persistência, a iniciativa, a disponibilidade, a criatividade, o dinamismo e a flexibilidade.

Para concluirmos, citamos a orientação do RCNEI sobre a necessidade de compreender que *“o caráter lúdico e expressivo (...) poderá ajudar o professor a organizar melhor a sua prática, levando em conta as necessidades das crianças (...)”* (RCNEI, v. 3, 1998, p.19)

Por outro lado, *“um grupo disciplinado não é aquele em que todos se mantêm quietos e calados, mas sim um grupo em que os vários elementos se encontram envolvidos e mobilizados pelas atividades propostas. Os deslocamentos, as conversas e*



as brincadeiras resultantes desse envolvimento não podem ser entendidos como dispersão ou desordem, e sim como uma manifestação natural das crianças.” (RCNEI, v. 3, 1998, p.19)

Assim, cuidaremos de outras questões não tão prazerosas, como agressividade, retraimento e desinteresse, com adequação e tranquilidade.

Referências Bibliográficas

FREIRE, M. *Educador, educa a dor*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Referencial Curricular Nacional Para A Educação Infantil [RCNEI]*. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 3 – Conhecimento do Mundo

OLIVEIRA, G. B. Qual o Valor da Educação Musical? Disponível em:

<http://sensibilizandooprofessor.wordpress.com>. Acessado em: 01 de jun. 2010



UM OLHAR POSSÍVEL DA PSICOLOGIA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Léa Pintor de Arruda Oliveira

Nos primeiros anos de vida, os vínculos afetivos mais fortalecidos são os parentais; no entanto, é a partir de um ano e meio que a criança entra em fase de transição e inicia o processo de socialização, ampliando seu vínculo social.

Desde muito pequenos, segundo BOWLBY² (2002), as crianças apresentam tipos diferentes de vinculação:

Apego Seguro – a criança consegue desenvolver relações de confiança com o outro e apresenta sentimento de autoestima. Sente-se compreendida, portanto consegue manifestar suas dificuldades e solicita apoio em situação de fragilidade. Consegue também se socializar de modo positivo e saudável com as outras crianças.

Apego Inseguro – a criança se mostra insegura, tem dificuldade em lidar com as outras crianças, tem receio de se sentir inferiorizada diante dos outros; portanto, não expressa facilmente suas dificuldades. Muitas vezes reage de maneira agressiva quando se sente abandonada.

Sendo assim, é importante para o educador, saber lidar e construir um vínculo saudável com as crianças, contribuindo com o desenvolvimento global de seus alunos. A criança estará livre, num ambiente seguro, no qual poderá desenvolver suas habilidades, vivenciar sentimentos e experimentar situações novas de maneira construtiva, mesmo que seja apenas por um período de horas do dia. A escola pode se tornar um ambiente benéfico para auxiliar no crescimento e no desenvolvimento de um cidadão.

Segundo HELEN BEEB³ (1986), as crianças que frequentam berçário, creches e escolinhas desde muito pequenas se desenvolvem física e emocionalmente muito bem, principalmente quando estes locais possuem profissionais formados na área de desenvolvimento infantil, que conseguem perceber e conhecer suas necessidades afetivas e cognitivas.

² Psicólogo, psiquiatra britânico e estudioso do comportamento humano

³ Psicóloga americana, autora de livros sobre desenvolvimento humano



Com idade entre um e dois anos, a criança ainda vê as outras crianças como seus bonecos e brinquedos, portanto é comum “brincar” de puxar, empurrar, morder o coleguinha. No entanto, como ela já sabe receber e executar ordens, coibir este comportamento é fundamental para o seu crescimento e desenvolvimento social. Desde muito cedo, a criança deve entender os limites do que pode e não pode fazer para que a socialização, interação e integração com os colegas ocorra de forma saudável e enriquecedora. (Disponível no site desenvolvimento do bebê, 2010).

Espera-se que a criança com quatro anos consiga trabalhar em grupo e ajudar o coleguinha nas atividades, bem como, notar os sentimentos das outras pessoas.

As crianças que em seu desenvolvimento percebem o mundo a partir do seu próprio ponto de vista, podem entender que são responsáveis ou culpadas por algo que não lhes compete, por exemplo: ela faz algo errado e pensa que o papai e/ou mamãe estão bravos com ela, quando na realidade, os pais estão em processo de separação, passando por dificuldades de relacionamento ou financeira. Além disso, muitas vezes, sentem-se responsáveis pela perda de uma pessoa querida, ou pelo acontecimento de algo ruim por não terem sido “boazinhas”. Nesta etapa, aparecem os medos infantis.

Desta maneira, quando uma criança vivencia situações que podem ser traumáticas, é saudável ajudá-las a entender que não são responsáveis por separações, tragédias de diversas naturezas e pelas perdas de pessoas queridas. Lidar com a realidade, sem utilizar-se de metáforas nas explicações (papai viajou = papai se separou) com o objetivo de poupá-las, faz-se necessário nesta hora. Mesmo pequenas, as crianças têm condições de entender situações como essa. Portanto, seus sentimentos devem ser valorizados e cuidados, elucidando que os problemas serão resolvidos pelos adultos.

A partir dos seis anos, as crianças interagem em maior número, formando os grupos de amigos. Inicialmente, os grupos tendem a ser do mesmo sexo e somente com a chegada da adolescência tornam-se mistos. (BEE, 1986). Com sete anos, elas já conseguem diferenciar a realidade do mundo de faz de conta e, além de seguir regras, criam-nas (época dos “combinados”).

Com o início da adolescência, os grupos se formam por semelhança e se unem por terem um objetivo comum: turma do futebol, turma da igreja; ou seja, possuem uma identificação e tendem a excluir os que são diferentes (os “nerds” não se misturam com “os bagunceiros”).



Nesta fase, elas buscam se afirmar e formar sua identidade pela semelhança com o seu grupo; assim, o diferente está fora e deverá permanecer distante. Esta exclusão agressiva é o que chamamos de bullying⁴. Por isso, é importante trabalhar temas como preconceito e diferenças (raciais, religiosas, entre outras) para auxiliá-los na compreensão de pertencimento, estimulando o respeito à diversidade e à coexistência.

Sendo assim, o educador deve procurar observar seu grupo, conhecer cada criança/adolescente, suas necessidades, medos e anseios, e não somente se fixar no problema dos “alunos-problema”. Entender e compreender os indivíduos e as dinâmicas de funcionamento do grupo implica em conseguir resultados educacionais satisfatórios. Assim, o educador terá condições de conduzir seus alunos a alcançar seu objetivo primeiro: formar cidadãos como indivíduos, seres sociais e familiares.

*“E aí, o tempo passou.
E, como todo mundo,
o menino maluquinho
cresceu.*

*Cresceu e virou um cara
legal!” (ZIRALDO, 2008)*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEE, H. *A Criança em Desenvolvimento*. São Paulo: Harbra, 1986.
- BOWBLY, J. *Apego: A natureza do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DESENVOLVIMENTO DO BEBÊ. Disponível em: WWW.desenvolvimentodobebe.com.br. Acesso em: 17 de mar. 2010
- FANTE, C. Fenômeno Bullying: e as suas conseqüências psicológicas. Disponível em <http://www.psicologia.org.br/internacional/pscl84.htm>. Acesso em: 17 de jun. 2010
- ZIRALDO. *O Menino Maluquinho*. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

⁴ Segundo a educadora e estudiosa, FANTE (2010), bullying *define-se universalmente como "um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento". Insultos, intimidações, apelidos cruéis e constrangedores, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos, levando-os à exclusão, além de danos físicos, psíquicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento bullying.* "



OUTRAS LINGUAGENS ENRIQUECEM O APRECIAR E PRODUZIR MÚSICA

Adriana Aragão e Elisabeth Belisário (Beth Beli)

“Tenho o privilégio de não saber quase tudo.

E isso explica

o resto”.

(Manoel de Barros, 2010,p. 69)

Por qual motivo, nós educadores, estamos sempre pesquisando? Acreditamos que é porque necessitamos obter informações, nos renovarmos e criarmos novas orientações na área da educação infantil, ensino fundamental, médio e superior. Quando estamos com nossos alunos e propomos, por exemplo, um trabalho com música, temos que entender a pesquisa desta forma: a música deixa de ser só um elemento lúdico e de entretenimento, e passa a ser também, elemento para o aprendizado, estímulo da percepção e desenvolvimento das linguagens que estamos trabalhando. (Brito, 2003)

ORIGEM

Os primeiros sons que escutamos vêm do ventre materno. Desde o útero já sentimos vibrações, ritmos e pulsações variadas; portanto, já nascemos com memórias sonoras. Partindo desse princípio, podemos estimular essas memórias sonoras dos nossos alunos, e criar sons para as histórias contadas por nós educadores em sala de aula, criando novos personagens e recontando as histórias a partir das memórias dos próprios educandos. Esta é uma forma de lidar criativamente com as propostas, estimulando assim, a autonomia dos nossos alunos. No campo das artes, estimular a autonomia desde a educação infantil é também uma maneira de formar cidadãos críticos, pois a formação de base é fundamental para isso.

SOMANDO COM OUTRAS EXPRESSÕES

Os educadores, nas suas práticas de música, podem também utilizar outras linguagens artísticas como, por exemplo, o teatro e a literatura. O teatro e a utilização de sua



dramaturgia com crianças e adolescentes são uma ferramenta primordial. Além de ampliar o campo de conhecimentos de seus alunos, o educador pode usar a prática teatral como estratégia para trabalhar com o educando: a timidez, a desenvoltura nas relações entre as pessoas, a dicção, o treino do corpo, o impostar da voz, o canto e a dança.

Dentro dessa proposta, ao iniciar uma atividade o educador pode apresentar, por exemplo, alguns textos literários, mitos e lendas que dizem respeito ao universo da cultura popular brasileira. Ao fazer essas leituras, educador e educando vivenciam os personagens, elementos cênicos e a musicalidade de cada mito ou lenda. Preparando nossos alunos para futuras apresentações, oferecemos a eles uma forma de conhecer nossa literatura e cultura, e os seduzimos e impulsionamos a obter o gosto pela leitura.

Durante o processo de criação, é importante dar oportunidade para os alunos colocarem suas próprias idéias e fantasias, sendo criativos autores das próprias obras. Ao sonorizarmos uma peça teatral, ou seja, colocarmos sons que possam ter efeitos que o próprio texto traz (trovões, chuva, porta fechando, o cair de um copo), também trabalhamos a capacidade do educando de criar e inventar formas de fazer ruídos e música para a peça.

Assim, cabe ao educador, quando for tratar os conteúdos propostos, buscar formas alternativas, lúdicas e adequadas ao universo infantil e adolescente. O educador deve entender, antes de tudo, que a pesquisa não é algo pronto e acabado, mas sim, algo que pode se constituir como um processo criativo e coletivo tanto para ele, quanto para seus alunos.

Pensando dessa forma, nós educadores podemos decidir coletivamente por temas a serem desenvolvidos por nossos alunos, pois assim, focamos nosso trabalho.

CAMINHOS

Então, como propor que nossos alunos desenvolvam criativamente esses temas? Como já citado anteriormente, um exemplo seria trabalhar com a cultura popular brasileira,



traçando relações com as culturas de outros povos. Por meio da riqueza de elementos da cultura, os alunos podem ser estimulados a conhecer o que existe em seu país ou em outros países, comparar e conhecer as origens de certas práticas culturais. Além disso, os personagens, os instrumentos, os ritmos, a música, as paramentações (figurinos e pinturas) e os elementos necessários para apresentar um espetáculo em sua comunidade ou escola.

Sabemos que nem sempre as escolas dispõem de materiais necessários para as práticas propostas. Nesse caso, o educador, mesmo não sendo um profissional da música, pode propor a reciclagem de materiais, transformando latinhas de refrigerantes em instrumentos sonoros (chocalhos, ganzás, etc.), para pesquisas de timbres (característica que diferencia cada som e cada instrumento) e assim, utilizá-los em seus trabalhos educativos e na arte/educação.

Pode, também, trabalhar com o acalanto na idade infantil, utilizar a voz para criar sons diferentes (agudos e graves), criar novas letras de músicas, improvisar e “tirar” sons do próprio corpo. Ou seja, cabe ao educador se reciclar, não estagnar e buscar sempre uma relação de trocas e aprendizados com outros educadores e seus alunos na escola.

É importante o educador estar sempre avaliando o que está desenvolvendo com os educandos, bem como, registrar os procedimentos e resultados dos trabalhos desenvolvidos em sala de aula. Esta é uma forma de o profissional acompanhar o desenvolvimento do próprio trabalho, de se autoavaliar e repensar estratégias quando necessário.

No mais, o educador deve ter consciência de que é um mestre na vida de uma criança em formação. Ele é uma das peças principais para transformá-la em um adulto consciente, crítico, participativo e atuante na vida social.

“Invento para me conhecer.”
(Manoel de Barros, 2010, pag. 27)



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, M. *Menino do Mato*. São Paulo: Leya, 2010.

BRITO, T. A. *Música na Educação Infantil: Proposta para a formação integral da Criança*. São Paulo: Peiropolis, 2003.



QUATRO COORDENADAS PARA O ANDAMENTO DA EDUCAÇÃO MUSICAL

Angela Rizzi e Léa Pintor de Arruda Oliveira

O trabalho realizado com os educadores, pela equipe da Associação Arte Despertar no projeto da Santa Casa de Diadema, buscou quatro coordenadas principais que estruturaram as atividades desenvolvidas com a musicalização.

As quatro coordenadas do projeto foram:

- ✓ Escuta
- ✓ Construção de objetos
- ✓ Movimento
- ✓ Repertório

Ao desenvolver atividades com objetivos claros, o percurso educativo se ilumina com as metas a serem alcançadas. O aprendizado significativo é valioso, quando tornado um processo único em que o conhecimento e o crescimento caminham paralelamente para os envolvidos: alunos e educadores. E, sendo efetivado a partir da proposta do desenvolvimento de atividades que oportunizam um espaço para a criação, o convívio com a troca de saberes, o lúdico e o desenvolvimento cultural dos grupos participantes.

ESCUTA

A Escuta diferencia-se do “ouvir música”, que ocorre quando colocamos música ambiente durante uma atividade de desenho, por exemplo. A escuta requer atenção e intencionalidade, um direcionamento da atividade. São momentos planejados, que exigem pesquisa de repertório com a turma a ser trabalhada. (BRITO, 2003)

O material a ser apresentado não necessita estar restrito ao cancionário tradicional infantil, nem ao repertório comercial vigente, e sim, deve abranger os vários gêneros e estilos musicais, inclusive a música erudita. Com essas atividades, procura-se desenvolver pelo do prazer da escuta as capacidades de observação, análise e reconhecimento, por meio da percepção tanto dos sons e silêncios, quanto das estruturas e organizações musicais. Isso é o que diz respeito à apreciação, conforme o **REFERENCIAL** (1998).



Com o aprendizado da escuta a criança desenvolve, segundo BRITO (2003), a percepção auditiva em relação ao próprio ambiente, aprendendo a perceber o que está a sua volta, tomando consciência de diferentes fontes sonoras e compreendendo melhor o seu entorno (sons do lugar, do trânsito, da rua, do parque, dos animais).

Segundo ÁVILA e SILVA (2003), a criança aprenderá vários aspectos da música, tais como *“ritmo, melodia, textura, forma, texto e estilo”*. Além disso, melhorará a memória e desenvolverá melhor a sua atenção, ou seja, adquirirá a prática de se concentrar com maior facilidade, estando mais apta a aprender novos conteúdos.

Aprender a escutar possibilita experiências profundas, ao serem descobertas as emoções e as sensações que a música pode causar no indivíduo.

“Aprender a escutar, com concentração e disponibilidade para tal, faz parte do processo de formação de seres humanos sensíveis e reflexivos, capazes de perceber, sentir, relacionar, pensar, comunicar-se” (BRITO, 2003, p. 187)

CONSTRUÇÃO DE OBJETOS SONOROS

A construção de objetos sonoros, com ou pelas crianças, tem importância porque:

- ✓ Estimula a pesquisa, a curiosidade, a imaginação, a organização, o planejamento e a execução de projetos musicais;
- ✓ Auxilia na compreensão de como o som é produzido e também, do funcionamento dos instrumentos;
- ✓ Aprofunda o conhecimento e a pesquisa das qualidades do som;

A construção de objetos sonoros também propicia a interação com a cultura brasileira e de outros povos, com a história percorrida por estas culturas e as situações em que os instrumentos são utilizados. (BRITO, 2003).

Ao trabalhar com instrumentos e objetos sonoros é importante que o educador proponha a pesquisa, preparando seus recursos de acordo com a faixa etária dos alunos. Para os menores, a pesquisa pode vir quase pronta para a sala de aula e, para os maiores, a pesquisa pode ser uma proposta de atividade individual, em grupo e/ou acompanhada pelo educador.



A construção de objetos sonoros dialoga com conteúdos de educação ambiental, uma vez que favorece o estabelecimento de relações de respeito com a natureza e ecologia.

História das culturas, suas relações sociais, sonorização de histórias e dramatizações são ampliações da utilização dos objetos sonoros na educação musical.

A construção de objetos sonoros não envolve somente o ato de construir, mas também a intencionalidade de associar conhecimentos e conteúdos. Integrando diversas áreas, ela possibilita a realização de projetos que ampliam os saberes que transcendem a linguagem musical:

- ✓ *Explorar materiais adequados à sua confecção;*
- ✓ *Desenvolver recursos técnicos para a confecção do instrumento;*
- ✓ *Informar-se sobre a origem e história do instrumento musical em questão;*
- ✓ *Vivenciar e entender questões relativas à acústica e produção do som;*
- ✓ *Fazer música por meio da improvisação ou composição, no momento em que os instrumentos criados estiverem prontos. (REFERENCIAL, 1989, p. 64)*

“Tudo isso justifica a importância desse trabalho, que não deve, de maneira alguma, ser encarado apenas como alternativa à carência de instrumentos musicais na escola. Mesmo naqueles contextos em que é possível contar com materiais prontos, de boa qualidade, que obviamente não devem ser descartados, convém incluir a atividade de construção de instrumentos por todos os motivos já apresentados.” (BRITO, 2003, p. 75)

MOVIMENTO

O movimento é uma importante dimensão do desenvolvimento e da cultura humana, segundo o REFERENCIAL (1998). Quando pensamos em ritmo e movimento não temos como dissociar um do outro, afinal, o primeiro é aprendido pela exploração dos movimentos do corpo. De acordo com BRITO (2003), os movimentos realizados pelos bebês e crianças, de modo natural, melhoram a postura corporal e o equilíbrio, além de desenvolver seu ritmo e sua musicalidade. Ao brincar, jogar, imitar e criar ritmos e movimentos, as crianças também se apropriam do repertório da cultura corporal na qual estão inseridas.

Segundo o REFERENCIAL,

“É muito grande a influência que a cultura tem sobre o desenvolvimento da motricidade infantil, não só pelos diferentes significados que cada grupo atribui a gestos e expressões faciais, como também pelos diferentes movimentos aprendidos no manuseio de objetos



específicos presentes na atividade cotidiana, como pás, lápis, bolas de gude, corda, estilingue etc. Os jogos, as brincadeiras, a dança e as práticas esportivas revelam, por seu lado, a cultura corporal de cada grupo social, constituindo-se em atividades privilegiadas nas quais o movimento é aprendido e significado. [REFERENCIAL, 1998. p.19]

As atividades que envolvem movimentos propiciam aos alunos a exploração e a melhoria de algumas capacidades, entre elas:

- ✓ Assimilação da imagem corporal
- ✓ Exploração de gestos, ritmos e “dinâmicas do movimento”, tais como: força, flexibilidade, resistência etc.

- ✓ Ampliação de expressões dos movimentos

Os conteúdos trabalhados deverão levar em conta o desenvolvimento do aluno, idade e a cultura da própria região. Ao mesmo tempo, devem-se valorizar as diferenças de outras culturas para que a criança perceba a diversidade cultural existente.

Ainda segundo o REFERENCIAL (1998),

“Os conteúdos (...) devem ser organizados num processo contínuo e integrado que envolve múltiplas experiências corporais, possíveis de serem realizadas pela criança sozinha ou em situações de interação. Os diferentes espaços e materiais, os diversos repertórios de cultura corporal expressos em brincadeiras, jogos, danças, atividades esportivas e outras práticas sociais são algumas das condições necessárias para que esse processo ocorra”. (Referencial, 89, p. 28)

Para a criança, o movimento expressa e comunica, ou seja, significa muito mais do que apenas mexer algumas partes do corpo ou deslocar-se no espaço. A criança interage utilizando gestos e mímicas faciais, atuando e manipulando com interesse, descobrindo possibilidades.

BÜNDCHEN (2005) em sua tese, afirma que a movimentação pela música gera na criança a capacidade de escuta e de absorver informações, ou seja, propicia o aprendizado. A criança ao movimentar-se, apresenta respostas criativas ao estímulo musical ou sonoro, e com essas aprendizagens, aplica novas ideias e conteúdos em outras situações.

REPERTÓRIO



Quando pensamos no repertório a ser elaborado para o ensino da música na educação infantil e complementar, é fundamental ter como ponto de partida o levantamento dos conhecimentos que o grupo já possui. Desta maneira, o objetivo do educador será enriquecer e ampliar esse repertório com a apresentação de conteúdos diversificados e pesquisados, por exemplo, a partir da cultura popular e das músicas da cultura infantil, que são ricas de valores e informações. (BRITO, 2003)

Ao apresentarmos uma música diferente daquelas pertencentes ao repertório dos alunos, estamos dando a eles o prazer de reconhecer e valorizar o que já existe em seu país ou em outras culturas, mostrando a riqueza não só da musicalidade, mas também dos adereços utilizados (figurinos), instrumentos, cantorias e os diversos recursos empregados nas manifestações culturais. (BRITO, 2003).

Segundo ÁVILA e SILVA (2003), a escolha do repertório e do conteúdo prático e teórico para a concepção de um curso de educação infantil deve respeitar as fases de desenvolvimento dos alunos, ao mesmo tempo em que deve ser maleável com estas escolhas; pois caso seja necessário, as atividades e os conteúdos devem ser revistos conforme as necessidades que se apresentarem no desenrolar do programa.

O REFERENCIAL (1989) apresenta para o trabalho de música as seguintes ideias:

“Pesquisadores e estudiosos vêm traçando paralelos entre o desenvolvimento infantil e o exercício da expressão musical, resultando em propostas que respeitam o modo de perceber, sentir e pensar em cada fase, e contribuindo para que a construção do conhecimento dessa linguagem ocorra de modo significativo⁵. O trabalho com Música proposto por este documento fundamenta-se nesses estudos, de modo a garantir à criança a possibilidade de vivenciar e refletir sobre questões musicais, num exercício sensível e expressivo que também oferece condições para o desenvolvimento de habilidades, de formulação de hipóteses e de elaboração de conceitos.” (REFERENCIAL, 1989, p. 48)

É fundamental, portanto, propiciar para a criança a possibilidade de desenvolver suas habilidades, elaborar e abordar conteúdos, tanto musicais como culturais, e aprender a refletir sobre eles. Assim *“estaremos (...) estabelecendo, desde a primeira*

⁵ Nesse sentido, pesquisar o trabalho do educador musical inglês Keith Swanwick, da americana Marilyn P. Zimmerman, do compositor e pedagogo francês François Delalande e do americano Howard Gardner, entre outros.



infância, uma consciência efetiva com relação aos valores próprios da nossa formação e identidade cultural.” (BRITO, 2003, p. 94)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, M. *Educador, educa a dor*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL.

Referencial Curricular Nacional Para A Educação Infantil [RCNEI]. Brasília:

MEC/SEF, 1998. v. 3 – Conhecimento do Mundo

OLIVEIRA, G. B. Qual o Valor da Educação Musical? Disponível em: <http://sensibilizandooprofessor.wordpress.com>. Acessado em: 01 de jun. 2010



REPERTÓRIO PARA A APRECIÇÃO MUSICAL

De acordo com o Referencial (RCNEI, 1998), a apreciação musical refere-se à audição e interação com diversas músicas. A escolha das obras para este trabalho deverá apresentar variedade e diversidade de temas e gêneros, para garantir uma maior riqueza das atividades e melhor desenvolvimento das crianças neste aspecto. As obras que despertam o desejo de ouvi-las e interagem são as mais indicadas, pois, para as crianças, ouvir é, também, movimentar-se. Lembramos que as crianças menores percebem e expressam-se globalmente. O repertório pode contar com obras da música erudita, da música popular, do cancionário infantil, da música regional, entre outras.

Oferecer a oportunidade de ouvir música sem texto é importante. Assim, não se deve limitar o contato musical da criança apenas à canção, que apesar de muito importante, não se constitui em única possibilidade. Deste modo, o contato das crianças com produções musicais diversas irá, também, prepará-las para compreender a linguagem musical como forma de expressão individual e coletiva e como maneira de interpretar o mundo.

Ainda em relação à apreciação musical, o Referencial (RCNEI, 1998) apresenta como objetivos para as crianças de zero e três anos: - a escuta de obras musicais variadas e a participação em situações que integrem músicas, canções e movimentos corporais.

Para as crianças de quatro a seis anos, notamos a preocupação em garantir: um leque amplo de possibilidades, a partir da escuta de obras musicais de diversos gêneros,



estilos, épocas e culturas, da produção musical brasileira e de outros povos e países; o reconhecimento de elementos musicais básicos: frases, partes, elementos que se repetem (a forma), etc. E para iniciar seus conhecimentos sobre a produção musical, foram garantidas as informações sobre as obras ouvidas e seus compositores.

Para a apresentação de obras musicais de gêneros e estilos diferentes, pode-se elaborar uma lista das músicas utilizadas nas atividades durante um período (um mês, um semestre, por exemplo); rever essa lista de acordo com a variedade e diversidade de propostas, visando às possibilidades de ampliação possíveis para um próximo período (um outro mês, o próximo semestre); comparar com a lista de outro educador, e ter a listagem do grupo dos anos anteriores.

Dentre a grande variedade de repertório de qualidade que se é possível encontrar, apresentamos algumas sugestões de obras musicais e discografia⁶.

- A ARCA DE NOÉ. Toquinho e Vinicius de Moraes. Vols. 1 e 2. Polygram, 1980.
- ACERVO FUNARTE, MÚSICA BRASILEIRA. Coleção relançada em CD pelo Instituto Itaú Cultural, SP, 1997 e 1998.
- ADIVINHA O QUE É? MPB-4, Ariola, 1981.
- AS MAIS BELAS CANTIGAS DE RODA. M. Viana/Nave dos Sonhos.
- BANDEIRA DE SÃO JOÃO. Antonio José Madureira, Selo Eldorado, 1987.
- BAILE DO MENINO DEUS. Antonio José Madureira, Estúdio Eldorado.
- BORORO VIVE. UFMT. Cantos dos índios Bororo.

⁶ Uma listagem mais completa pode ser encontrada no Referencial (RNCEI, 1998) utilizado para esta seleção.



- BRINCADEIRAS DE RODA, ESTÓRIAS E CANÇÕES DE NINAR. Solange Maria, Antonio Nóbrega, Selo Eldorado, 1983.
 - BRINCANDO DE RODA. Solange Maria e Coral Infantil, Selo Eldorado, 1997.
- Canções.
- CANÇÕES DE BRINCAR. Coleção Palavra Cantada, Velas, 1996.
 - CANÇÕES DE NINAR. Coleção Palavra Cantada, Salamandra/Camerati.
 - CANTO DO POVO DAQUI. Teca-Oficina de Música, SP, 1996.
 - CARRANCAS. João Bá, Eldorado, SP. Canções.
 - CASA DE BRINQUEDOS. Toquinho, Polygram, 1995. Canções.
 - CASTELO RA-TIM-BUM. TV Cultura/SESI, Velas, 1995.
 - COLEÇÃO MÚSICA POPULAR DO NORTE. Discos Marcus Pereira.
 - COLEÇÃO MÚSICA POPULAR DO NORDESTE. Discos Marcus Pereira.
 - COLEÇÃO MÚSICA POPULAR DO CENTRO-OESTE. Discos Marcus Pereira.
 - COLEÇÃO MÚSICA POPULAR DO SUDESTE. Discos Marcus Pereira.
 - COLEÇÃO MÚSICA POPULAR DO SUL. Discos Marcus Pereira.
 - CIRANDAS E CIRANDINHAS, H. VILLA-LOBOS. Roberto Szidon, piano, Kuarup, RJ, 1979.
 - ETENHIRITIPÁ. Cantos da Tradição Xavante, Quilombo Música, 1994.
 - IHU. TODOS OS SONS. Marlui Miranda, Pau Brasil, 1995. Cantos indígenas.
 - MADEIRA QUE CUPIM NÃO RÓI. Antonio Nóbrega, Brincante, SP, 1997.
 - MÚSICA NA ESCOLA. Material didático, SEE-MG.
 - O GRANDE CIRCO MÍSTICO. Edu Lobo e Chico Buarque, Som Livre.
 - O MENINO POETA. Antonio Madureira, Estúdio Eldorado.
 - OS SALTIMBANCOS. Adaptação de Chico Buarque, Philips.
 - RÁ-TIM-BUM. TV Cultura/Fiesp/Sesi, Eldorado.



- VILLA-LOBOS ÀS CRIANÇAS. Jerzy Milewski, Cantabile Projetos de Arte, RJ.
- VILLA-LOBOS DAS CRIANÇAS. Espetáculo musical de cantigas infantis, Estúdio Eldorado, 1987.
- VILLA-LOBOS PARA CRIANÇAS. Seleção do Guia Prático de Heitor Villa-Lobos, Acervo Funarte, Música Brasileira, Instituto Itaú Cultural, SP, 1996.



EQUIPE TÉCNICA

Adriana Freires Aragão – arte-educadora

Percussionista, vocalista, compositora, arranjadora e musicoterapeuta formada pela Faculdade Paulista de Artes. Foi integrante de várias bandas e grupos: Grupo de Samba Arte Final de Guarulhos; Banda de Mulheres Ó Terezinha e Banda Mulheres de Ilú, onde atua até hoje como vocalista, percussionista, compositora e arranjadora. Na área da arte-educação, trabalha desde 2000 em projetos musicais na Associação Arte Despertar desenvolvendo atividades com crianças e adolescentes da Comunidade de Paraisópolis.

Elisabeth Belisário (Beth Beli) – arte-educadora

Percussionista, cantora, regente e mestra de bateria. Foi integrante de várias bandas: Banda-Lá, primeiro Grupo Afro de São Paulo; Grande Companhia de Mistérios e Novidades, dirigida por Ligia Veiga, onde atua até hoje e desenvolve arte circense e teatro de rua; criou e atua até hoje na Banda Mulheres de Ilú em parceria com Girlei Miranda. Como percussionista atuou em companhias teatrais de São Paulo como: Uzina Uzona (Teatro Oficina), dirigido por José Celso Martinez Corrêa, participando nos espetáculos Hamlet e Bacantes. Trabalhou no Núcleo de Pesquisa Teatral sob a direção de Cibele Forjat, no espetáculo Galileu Galilei. Na área da arte-educação, desde 2002 trabalha com crianças da periferia de São Paulo: no bairro do Grajaú, ensinando a arte de tocar tambores e instrumentações contemporâneas; na Comunidade de Paraisópolis, pela Associação Arte Despertar. Desenvolve ainda, oficina de rua para mulheres e o Projeto Literatura Percussiva - música e poesia, em escolas e universidades em parceria com a atriz, Mafalda Pequenino.

Joyce Menasce Rosset – gestora operacional de projetos

Experiência em elaboração, implantação e coordenação de projetos para o Terceiro Setor, na área de capacitação, educação, geração de renda e captação de recursos. Além do trabalho na iniciativa privada dedicado à empresa própria, hoje gerencia projetos da Associação Arte Despertar. Na OAT-Oficina Abrigada de Trabalho e na LARES (Legião de Assistência e Reabilitação de Excepcionais) desenvolveu produtos e implementou oficinas de produção com foco em capacitação e inclusão de pessoas com deficiência. Mais recentemente, na APAF-Associação Paulista de Amparo à Família, criou oficinas artesanais para geração de renda e empreendedorismo direcionadas a mulheres em condição de risco social. Elaborou e coordenou eventos de comunicação e fidelização de parceiros e doadores. Formada em Biologia (USP), desenvolveu carreira convergindo ações para a Educação, Marketing e Comunicação e, nos últimos anos, direcionando o aprimoramento profissional e experiências ao Setor Cidadão.

Léa Pintor de Arruda Oliveira – psicóloga

Graduação pela USP, Especialização pelo Instituto Sedes Sapientiae e Aprimoramento pela PUC-SP, supervisora Clínica do SAP – Serviço de Aconselhamento Psicológico do Instituto de Psicologia da USP (2001 -2008). Atuação na área hospitalar e social desde 2001. Membro da Associação Paulista da Abordagem Centrada na Pessoa, membro da diretoria da Comissão de Especialidade - Psicologia (COESAS) da Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica biênio 2009-2010 e especialista Associada da Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica.



Maria Angela de Souza Lima Rizzi - pedagoga

Com vasta experiência em coordenação de projetos de arte- educação em comunidade, com foco no trabalho de resgate social pela arte-educação, atuou também na capacitação profissionalizante, alfabetização de jovens e adultos, reeducação de crianças com dificuldades de aprendizagem e trabalhos comunitários de educação sanitária. Cursou a Formação de Educadores do Espaço Pedagógico/SP, sob coordenação de Madalena Freire, Juliana Davini, Fátima Camargo, Mirian Celeste Martins e participou em mais de 40 ações formativas, realizadas pelos centros culturais, museus e espaços expositivos da cidade. Desde 2000 atua na coordenação pedagógica dos projetos da Associação Arte Despertar.